

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E FORMULAÇÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS PARA SE PENSAR A ESCRITA DA HISTÓRIA

Proponentes/Coordenadoras:

CRISTIANE RIBEIRO (Doutoranda - UNICAMP - Bolsista CNPq)

SILVANA MOTA BARBOSA (Professora Doutora - Depto História UFJF)

STELLA FERREIRA GONTIJO (Doutoranda - UFMG - Bolsista CNPq)

EMENTA

Este Simpósio Temático, em sua 4ª edição, objetiva agregar discussões que buscam contribuir para o estabelecimento de um campo de produção epistemológico e feminista, a partir das relações entre gênero, raça, classe, religião, sexualidade e etc.. Objetivamos colaborar com pesquisas, nacionais ou estrangeiras, recentes ou em andamento, e propiciar uma interdisciplinaridade nas diversas áreas das Ciências Humanas através dessas questões e suas disputas, sobretudo na História, trazendo para a discussão as diversas vertentes teóricas em diálogo no campo dos estudos feministas.

Sabemos que nas últimas décadas, como consequência dos movimentos sociais, a crítica feminista revolucionou as formas de se produzir conhecimento. As epistemologias feministas, junto aos estudos de gênero, foram centrais para questionar conceitos, teorias e métodos pensados unicamente a partir de experiências consideradas universais, isto é, masculinas, heteronormativas, brancas e ocidentais. Assim, tem contribuído para propor novas inteligibilidades a antigos saberes.

Com isso, os estudos das relações de gênero tiveram avanços significativos, em que inúmeros trabalhos foram e continuam sendo produzidos. Inicialmente a História das Mulheres, com forte vínculo com a História Social. Uma referência precursora nesse campo é Gerda Lerner, uma intelectual do campo que dedicou seus dias à docência para demonstrar que as mulheres tinham [e têm] uma História, e que, ao perceberem isso, criam entre si uma consciência coletiva. Para essa autora: “o fato de as mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de as

mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social. É o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade”. A partir de 1980, no entanto, começaram a aparecer as discussões teóricas de gênero, sobretudo no campo do pós-estruturalismo. O intento era o de contrapor a ideia de diferença sexual com particular atenção para os sistemas de significação, isto é, as maneiras como as sociedades representam o gênero, sempre numa perspectiva relacional. Entre as pesquisadoras desse momento figura o nome de Joan Wallach Scott, personagem importante no campo teórico nos estudos das relações de gênero.

Não podemos perder de vista ainda que o conceito de mulher deve ser compreendido de forma múltipla, como mulheres. Ao partirmos da perspectiva das mulheres como “sujeitas históricas”, atuantes e fundamentais para assimilar os acontecimentos do passado e a sociedade atual, devemos analisá-las sob a suas complexidades, partindo da análise de como os fatores de raça, classe e sexualidade foram, e são, fundamentais para o papel social-político-cultural desempenhado por elas, isto é, categoriais percebidas de maneira consubstanciais e coextensivas (HIRATA, 2014; KERGOAT, 2010). Além disso, essas especificidades levaram ao surgimento de diversos outros campos epistemológicos, entre os quais podemos destacar o feminismo decolonial, a teoria queer, os feminismos negros, de fronteira, etc.

Ao propormos uma revisão da historiografia, incluindo essas “sujeitas”, consideramos que a narrativa hegemônica parte de uma visão equivocada de um sujeito universal, sendo este o homem-branco-Ocidental-cristão-heterossexua. Como consequência disso, os estudos desenvolvidos dentro das epistemologias feministas têm como principal objetivo contraporem-se à narrativa hegemônica, que reforça as estruturas de poder dominantes atualmente em nossa sociedade, incluindo as mulheres como sujeito ativo, de maneira transversal nas diversas fontes e períodos, dando um novo olhar a velhos e novos objetos e objetivos de pesquisa, incluindo todas as vertentes teóricas.

Convidamos as pesquisadoras e os pesquisadores, que trabalhem com os mais diversos objetos, fontes e períodos históricos, a fazerem parte de nosso Simpósio Temático, que intenta fomentar e compartilhar discussões que concernem as vinculações no campo das epistemologias

feministas e das relações de gênero, que são aqui compreendidas como construtos sociais e estruturantes de desigualdades ao longo da história. Este Simpósio objetiva também ampliar as discussões fomentadas desde a sua 1ª edição, visando continuar contribuindo para o debate sobre as dimensões do gênero nas mais diversas áreas. Nas últimas edições, o ST possibilitou conversas com pesquisadoras e pesquisadores das mais distintas universidades do país, em que foi possível um compartilhamento de trabalhos, conhecimentos e muitas trocas de aprendizados relacionados a sua temática. Além disso, é possível afirmar a consolidação do campo e seu exponencial aumento. Temos, com isso, a pretensão de estabelecer esse espaço como referência nas discussões que tratam das epistemologias feministas e dos estudos de gênero na Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que já se encontra em sua XXXVII edição.

BIBLIOGRAFIA:

CRENSHAW, Kimberlé. (2002), Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, 10 (1): 171-188.

BALLESTRINI, Luciana. Feminismos subalternos. In.: **Estudos Feministas**. Florianópolis, 25(3), set.-dez. 2017, p.1034-1054;

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V.I. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: (org) HOLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista. Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v.26, n.1, junho de 2014, p.61-73.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019, p.47-48.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, n.24, jan.-jun., 2014, p.201-248.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos Cebrap** 86, Março 2010, p.93-103.

LUGONES, María. Colonialidad y género. In.: **Revista Tabula Rasa**. Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

MATOS, Maria Izilda. **História das mulheres e gênero: usos e perspectivas**. In: PUGA, Vera Lúcia; MALUF, Sônia Weidner; PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de. (Orgs.). Olhares feministas. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, Coleção Educação Para Todos v. 10, 2009, p. 277-289;

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: Silva, Zélia Lopes (orgs.). Cultura Histórica em debate. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. “Epistemologia feminista, gênero e história”. In: Pedro, Joana; Grossi, Mirian (orgs.) **Masculino, feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol.20 (2), jul/dez. 1995.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. In.: **e-cadernos ces [Online]**, 18, p.106-131, 2012.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.